

O SCEPTICO

JORNAL DE INSTRUCCAO E RECREIO

PUBLICA-SE INDETERMINADAMENTE N'UM DOS DIAS DA SEMANA

O SCEPTICO.

Apresentação ao publico e profissão de fe.

Amigo, tu vais ser apresentado;
Amigo, tu vais ser apresentado;
Por tanto sem vexame te apresenta
Modestias são tolices; não assenta
Tão ridiculo pensar em quem conhece
Que o nariz tem na cara; vamos cesse
Tão mesquinha e massante frioleira,
Não conhecem por certo tal asneira
Aquelles a quem vou te apresentar.
Pra teu bem, e massadas me poupar
Deixei o vasto mundo dos sandeos

Dos homens que só têm por templo e Deos,
Um theatro, a masurka, a radição
Cavalhadas, corridas (que atração)
Deixemos pois aos entes a carreira
E fallemos co'os que nos comprehendem
Senhores (desculpem-se não são)
Por amigos, pois eu por pobre gato
Não como e já sei quanto distancio
Vai das minhas fatiadas, mudando
De palavras de uel, por verdade
D'um amigo se houvesse-os, tem piedade
Da pachorra dos mais oh minha penna (I
Com parenthesis, voltemos pois a scena.)
Meus senhores, aqui vos apresento
Um sujeito o qual debalde eu tento
Em querer converter n'um progressista,
Pois é homem de muito curta vista
Não enxerga té cousas bem patentes

CAMILLA.

ROMANCE POR LERACK DE SA.

I.

Uma casa da Rua dos Arcos.

Era um dia do mez de Junho de 1850, nas ruas do Rio de Janeiro, se bem que transitassem immensas pessôas, a cidade tinha não sei que de melancolia que entristecia, não tinha essa vida e animação como hoje se vê; estava-se no reinado da febre amarella, na quadra mais terrivel d'esse flagello, que o mão genio do Brazil conduzio da desgraçada Luisiania, para desimar a população de um paiz tão infante como o nosso. O commercio estava paralisado, poucos navios surtos na nossa bahia, na phisionomia do povo lia-se o susto, o susto e o desespero, quasi todas as pessoas trajavão julo

pesado, não havia alguém que não tivesse perdido um amigo, um pai, uma esposa, ou um filho, a colera de Deos pesava sobre o povo Brasileiro, e lhe restava a resignação.
Eram seis horas da tarde d'esse dia, o céu que arqueia-se sobre esta bella capital, estava azul d'esse azul puro e sereno onde nem uma só nuvem se via; no Occidente derramavão-se essas cores de rosas espalhadas n'um fundo de parolas; da senhava-se n'esse quadro magico os domados raios do sol, que ia occultando o seu rosto por detrás da longa Tyjura, quem contemplasse essa hora saudosa, cheia de amor e poesia, não diria que esse ar que respirava, e que lhe parecia tão puro, estivesse impregnado pelo sopro pestifero d'uma febre destruidora. As aguas da bahia tinham as mesmas tintas do céu, estavam socegadas, e só o sopro da brisa dava uma leve ondulação.
Nessa hora, em uma das casas da Rua dos Arcos

Descré de quanto vê, é um demente—
 Não crê ser um visconde um homem nobre
 (Um pyrrhónico assim o céu não cobre)
 Debalde vou pregar-lhe que o talento
 Tem sempre tarde ou cedo pagamento,
 Que o homem que possui muito dinheiro
 É sabio, honrado, bom, e verdadeiro;
 Não quer acreditar isso o marreco,
 E sem lucro com elle o tempo perco.
 Sustenta poesia não ser verso
 Que aquella, o sublime do universo
 Encerra, que retrata só pureza,
 Pensamentos de livre natureza,
 Não escravos da vil adulação,
 Que dos céos é celeste emanção,
 Que desplante! se de honra e de taes graças
 Se nutrisse a poesia, por desgraça
 A muito que tal fructo no mercado
 Não se havia de achar aglomerado,
 A proposito de honra!... teima, e crê
 Que em bem poucas pessoas se ella dê
 Mulheres! qual historia! não consente
 Que conheça-a uma só... que maldizente!...
 Mas talvez que não achem então bondade
 No meu apresentado?! na verdade
 Enganado se acha o que tal pensa,
 Escute p'ra depois dar a sentença:
 Uma de suas bondades relevantes
 É não saber mentir, sejam insultantes
 Verdades que elle sente vai fallando...
 Das idéas que tem nunca mudando.
 (Neste ponto contrasta um deputado)
 Implicando com todo o potentado.
 Modesto, como as verbas do orçamento
 Que p'ra gloria da patria e ornamento,
 Pequenas se fazem, com lizura...
 Cortez e muito amigo de brandura

cos, passava-se uma scena de dôr: n'uma camara pouco espaçosa havia um leito, junto á elle uma moça vellando ao pé de um enfermo, e esse enfermo era seu pai, que lutava com as agonias da morte; a pobre moça com os cabellos em desalinho, o rosto pallido e descomposto por continuada vigília, sustentava a cabeça de seu pai sobre suas mãos juntas. A luz de uma fraca lamparina derramava n'essa camara um clarão baço, que illuminava a phisionomia emmagrecida do doente, e o rosto pallido d'essa moça onde se desenhavão traços de uma beleza immensa, que o só pincel de Raphael podia ter desenhado.

— Minha filha: disse o doente com voz pouco distincta, os meus instantes estão contados, eu rejeito esse remedio que bem nenhum me fará, quero aproveitar os ultimos momentos que me restão em fazer-te ver qual é a minha derradeira vontade. Chega-te bem para mim, Camilla, para que

Como não são por certo os figurões
 Porteiros das civis repartições;
 Desejando com afan vêr pelas costas
 Os insulsos pelintras, os janotas.
 Emfim se alguns defeitos tem o homem
 Seus rasgos de juizo em conta tomem...
 E lhes peço... não pensem correção
 (Safa que a este nome algum barão
 Póde ter calafrios) só eu rogo
 Que ensinem a este amigo logo e logo
 A crer nestas verdades que detesta;
 E se vejo que empresa como esta
 Chegarem a conseguir, então crerei
 Nos fabulosos sonhos, que sonhei
 Nos tempos que lá vão... e se bastante
 Não acham tal provança, mais avante
 Eu levo minha crença ao impossivel,
 E crerei (ahi vai o mais incrível)
 Que resposta darei a qualquer tolô
 Que p'ra o Sceptico alçar a voz de zoilo...

Por—J. M. SERRA.

CHRONICA.

O Sceptico!... o que virá fazer aqui esse sectario de Pyrrhon?! quem o convidou para tomar parte em nossos banquetes, e confundir-se no nosso circulo?.....

Eis-ahi por certo duas perguntas que com toda a verdade, farão a este recém-chegado, e com effeito acho-as justas, e passo a responder.

Leitor-juiz, se o nosso estado de duvida a respeito de —poderes attingir a verdade— é agora esboçado nestas paginas, não creias que como Berkeley comprehendemos o scepticismo, não! nem tão bem o experimentamos provisoriamente como

não percas uma palavra do que vou dizer-te. A moça unio o seu rosto ao de seu pai.

— Minha filha, disse elle, vou deixar-te n'esta terra onde um só parente não tenho, porém não ficarás abandonada.... a fortuna que eu pude adquirir durante o periodo de minha vida, monta á mais de cem contos de réis,... e tu te julgavas pobre, Camilla!.. dice elle deixando pairar um triste sorriso em seus labios; todos me julgão pobre porém eu sou bastante rico; a compra que fiz de um diamante em uma das minhas viagens pelo interior da Provincia de Minas, constituiu-me rico, e toda essa fortuna te pertence. Quando eu não viver, tu terás um tutor, e esse tutor é um amigo que me foi sempre devotado é o meu compadre Fabricio, fazendeiro nos arredores d'essa côrte; d'aqui a dous dias o meu testamento lhe será entregue, e elle te virá buscar, concorda com elle em tudo, porque estou certo que elle fará tua felicidade.

recomenda Descartes; nós o imaginamos, e sentimol-o tal como pintamos: descrença-parcial do mundo material, dos prejuizos admittidos, da inpietade-idolatrada. Nós bem conhecemos o perigo dessa crença assim systematicamente, mas fclismente, apesar de Cousin, ainda não rejeitamos o homem no mysticismo, nem temos soffrido a consequencia que vaticinão a quem assim descrê, absoluta inacção, completa ignorancia, e profunda immoralidade: *Tu crês que não crês*, me dirás como quem diz uma novidade; crêmos sim, crêmos tão bem em mais alguma cousa, por exemplo que por mais dogmatico que sejas não nos arredarás da convicção que dos homens fazemos.

Marsene, Jouffroy propuzerão deitar por terra esse edificio de duvidas, e não o conseguirão; considera que então não era como agora a virtude uma mercadoria, o que tiver muito dinheiro compra, e tem, ou ao menos dizem por elle que possui; que o amor não era uma chimera, e a sociedade uma cadeia-viciosa.

Acreditamos com todo o nosso scepticismo, em tudo o que é bello e nobre, em tudo o que é santo e puro, em tudo que só nossos olhos da alma observão, e veem, e finalmente em tudo o que não sois.... e se quizerdes que o não seremos tão bem, Eis ali a resposta, primeira pergunta, quanto a segunda ali vai:

Despidos nos apresentamos de todo o prestigio de vossos — convidados — não acceitamos parte nas vossas vigillias, e prazeres dessolutos, e apenas contentamos-nos em contempla-los, rirmos, e passarmos.

Esta outra resposta por mais laconica, penso que não é despersuasiva, e inutil.

Agora tratemos de alguma cousa que esteja em relação com a epigrapha deste capitulo:

—O Sr. Fabricio! dice a moça entre soluços, e que constituís o meu tutor! oh! vós não morrereis!.. eu não irei para casa d'esse homem.... sua phisionomia me assusta, meu pai.

— Camilla, tu encurtas os meus inst...., e não pôde acabar a phrase, uma espuma vermelha lhe veio aos labios, fez um esforço para erguer-se, cahiu nos braços de sua filha, seus olhos cerrarão-se, sua alma tinha deixado o corpo. Camilla não abraçava mais que o cadaver de seu pai.

Ella estava orfã, esse homem que lhe tinha dado o ser estava morto em seus braços; aos sete annos de sua idade tambem tinha perdido sua mãe, ficando na companhia de seu pai Jeronymo de Azevedo homem sincero e de bons costumes, porém sem a educação precisa para criar uma moça como Camilla.

Tinha confiado a educação della aos cuidados de uma velha aia durante suas viagens ao

Pedimos desculpa ao leitor se deixamos de nos dirigir a elle, e vamos conversar um pouco com alguém; acredite que estamos sempre as suas ordens, menos agora, demais a mudança é quasi nenhuma, entre os novos personagens, divergem n'um — as — que pequena differença. Leitoras (bellas é escusado dizer) estão conversando com um homem bem perigoso, segundo lhes terão dito porém acreditai-nos (a menos que não sejais scepticas; e neste caso então—adeos perigo) que é uma calunnia que nos forjaram, não somos perigosos não... (nem mesmo como o conde de Madoc de Gozlan) ouvi-nos: Para ti virgem pura dos campos (perdoem-nos as excepções da cidade) nós seremos o medico que te rasgando com o escalpello do desengano o sacrario de tuas crenças neste mundo, deixaremos correr o liquido crystallino de tuas illusões da vida, até deixarmos secco, e arido o involucro de tuas esperanças... embora! vale mais conheceres a tempo a verdade, preparar-te para descer, de que o fazer quando o desengano, com todo o apparato de uma dôr profunda, se atravessar na estrada de tuas felicidades; descança que acharás balsamo n'algumas palavras animadoras que vão de permeio das nossas duras verdades, e que servirão de lenitivo para sanar essa ferida, que tão necessaria te foi experimentar...

Encantadoras sylphides da moda, não é certo que a força de nós desenganardes já de a muito que estais desenganadas? que como nós credes que o amor platónico fez fiasco? que o mundo é *des bons-vivants, que les bons-vivants* são como nós descrente de tudo? finalmente não é verdade que minha linguagem não é estranha para vós que bem me comprehendes e sentis? e que quando fazendo echo com alguém, dizemos com voz de trovão.

« Mulher pura e fiel não ha nem houve. »

interior; e essa aia de Camilla era uma excellente mulher, outr'ora directora de um collegio de meninas; tinha ensinado com perfeição, a sua educanda, a ler assim como os trabalhos de agulha, e derramado em seu joven coração os doces sentimentos da Religião, mas desgraçadamente essa mulher tambem estava gravemente enferma.

Já erão 8 horas da noite, e nem um só dos amigos de seu pai tinha apparecido em casa de Camilla; foi então que ella accendeu duas vellas de cera ante a imagem do Crucificado, que estava collocado em cima de uma mesa, dentro um oratorio ricamente ornado.

Ajoelhou-se junto ao corpo do finado, e orou fervorosamente pelo descanso d'aquelle que tão bom tinha sido para ella durante a sua vida.

(Continua.)

Vós dizeis baixinho e sem pestanejar é verdade?!..

Esta? ainda estou no capitulo das apresentações e cumprimentos (vasto dominio do—Codigo do-Bom-tom) e nada de tratar da Chronica... vamos lá emfim :

Desafio ao chronista menos imitador que nestas ultimas semanas não principie a sua tarefa pouco mais ou menos por estas palavras : Que calor !... que tempo !... estamos na Arabia etc. etc. e com effeito a não ser o Francioni não sei que sem um lamentoso ai se possa dizer estas palavras ; ah minhas bellas o calor é (embora não concordem os physicos) uma sombra do inferno, pois com sua intensidade perturba, atormenta, e faz blasfemar de raiva a bem bellos anginhos (não lhes quero offender a modestia com a denominação, embora generica) é finalmente o calor um famoso motor para fazer de um homem um corruptio, é a anthese do frio em summa (escapou-me da penna esta novidade tão importante.) E no entanto os theatros franqueiam as suas portas com o malefico fim de frigidar aos espectadores... e a isto baptisou-se ultimamente pelo nome de—concertos... será concerto de tudo menos da saúde, e da bolsa. Porém como não se ir a elles, me dirão, se queremos despedirmos, guardar na mente até a ultima nota do genio da harmonia (perdoem-me as Sras. se especialiso por este nome a um homem.) Com effeito é muito justa essa razão, é até mesmo um pouco atenuante sim Tamberlik é a corrente magnetica que nos atrahie, e devemos sempre saudosos guardarmol-o na mente, conservar eternamente no peito o seu memoravel—Dó—(os que o puderem que o conservem, nós desistimos por incapazes). Com effeito o bello não dura muito tempo, o sublime é um perillampo que passa e desaparece, e a imagem do céo que se reflecte um instante apenas n'uma planice aquosa desenvolta (e não vou indo para o sublime !...) dar-vos hei melhor idéa da pouca duração do bom dizendo que é uma imitação do planeta—Virtude—que dista da terra muito mais de que Mercurio e que com um gyro todo de cometa só passa pelo perigeo de seculo, em seculo.

Não se póde neste tempo redigir uma chronica, dizem-se novidades velhas, e contam-se verdades novas, de maneira que a primeira parte não é mais do que uma repetição da noticia da morte do Neves, e a segunda uma recommendação para nos quere-mos mal os Dulcamaras... que importa-nos, com tanto que nos queiram bem as nossas leitoras (apesar do nosso cepticismo) estamos satisfeitos: que nos dizem minhas bellas —quererão?...—

Aguardamos a resposta para o segundo numero.

Rio, 20 de dezembro de 1856. (Figaro.)

PARTE LITTERARIA.

Educação das moças.

TRADUZIDO DE FENELON POR L. V. FERREIRA.

CAPITULO I.

Importancia da educação das moças.

Nada é mais despresado que a educação das moças. O costume e o capricho das mãis as mais das vezes decidem nisto de tudo ; suppõe-se que se deve dar a este sexo pouca instrução. A educação dos rapazes é tida por um dos principaes objectos relativamente ao bem publico ; e ainda que não se deixe nesse ponto de commetter quasi as mesmas faltas que na das moças, ao menos se está convencido que são precisas muitas luzes para conseguilla. Pessoas as mais habeis se tem applicado a dar regras sobre esta materia. Que immensidade de mestres e de collegios ! quantas despesas em impressões de livros, nas indagações da sciencia, em methodos de aprender as linguas, na escolha dos professores ! Todos estes grandes preparativos tem muitas vezes mais apparencia que solidez ; mas em fim elles mostram a alta idéa que se forma da educação dos rapazes.

Quanto as moças, dizem, não convém que ellas sejam sabias a curiosidade as torna vãs e affectadas basta que um dia ellas saibam governar suas casas, e obedecer á seus maridos sem raciocinar. Argumentam com os factos que se tem dado de mulheres que a sciencia tornou redicalas : a vista disso julga-se com jus de entregar cegamente as moças a direcção das mãis ignorantes e indiscretas.

E' verdade que se deve evitar fazer sabias ridiculas. As mulheres ordinariamente tem o espirito mais fraco e mais curioso que os homens, de sorte que não convém empenhal-as em estudos com que ellas possam embirrar. Como ellas não devem governar o estado, fazer a guerra, nem entrar para o ministerio das cousas sagradas, podem dispensar certos conhecimentos vastos que pertencem a politica, a arte militar, a jurisprudencia a philosophia e a theologia. A maior parte mesmo das artes mechanicas não lhes convêm : ellas são feitas para exercicios moderados. Seus corpos, como seus espiritos são menos fortes e menos robustos que os dos homens ; em compensação a natureza dotou-as de industria, accio e economia, para occupal-as tranquillamente em suas casas.

Porém o que conclue-se da fraqueza natural das

mulheres? Quanto mais fracas ellas forem tanto mais é importante fortificá-las. Não tem ellas deveres a cumprir e deveres que são as bases da vida humana? Não são as mulheres que dissipam ou sustentam as casas, que regulam todo o detalhe das cousas domesticas, e que por consequencia, o que toca de mais perto a todo o genero humano? Por isso a ellas principalmente são devidos os bons ou máos costumes de quasi todo o mundo. Uma mulher judiciosa, applicada, e cheia de religião é a alma de uma grande casa; ahí ella põe a ordem para os bens temporaes e para a salvação. Os homens mesmo, que tem toda a autoridade em publico, não podem por deliberações suas, estabelecer algum bem effectivo, se as mulheres os não ajudarem.

O mundo não é um phantasma; é o complexo de todas as familias: e quem as pôde policiar com um cuidado mais exacto que as mulheres, que, além de sua autoridade natural e da assiduidade na casa, tem ainda a vantagem de ter nascido cuidadas, attentas as minuciosidades, industriosas, insinuantes e persuasivas? E o homem pôde esperar para si alguma doçura na vida, se sua mais intima companhia, que é a do casamento, se converte em amargura? E os moços que compoem para o futuro todo o genero humano que serão delles se suas mães os estragarem em seus primeiros annos?

Eis pois as occupaões das mulheres, que não são menos importantes ao publico que a dos homens, pois que ellas tem uma casa a reger, um marido a tornar feliz, filhos a educar bem. Acrescentai que a virtude não existe menos para as mulheres que para os homens, não fallando do bem ou mal que podem fazer ao publico, ellas são a metade do genero humano, remido do sangue de Jesus-Christo e destinado a vida eterna.

Em fim, é preciso considerar além do bem que fazem as mulheres quando são bem educadas o mal que causam no mundo quando lhes falta uma educação que lhes inspire virtude. E' notorio que a má educação das mulheres faz mais mal que a dos homens, porque as desordens dos homens vem muitas vezes da má educação que elles receberam de suas mães, e das paixões que outras mulheres lhes tem inspirado em idade mais avançada.

Quantas intrigas nos apresentam as historias, quantos destroços nas leis e nos costumes, quantas guerras sanguinolentas quantas novidades contra a religião, quantas revoluções d'Estado, causadas pelas mulheres! Eis o que prova a importancia de bem educar as moças: procuremos pois os meios.

(Continua.)

Os homens de letras.

Porque, Mecenas, ninguém é satisfeito com a condição que a sorte deu-lhe; ou que escolheu o seu livre arbitrio?... Porque o homem deplora o seu estado e inveja o dos outros?...!

Assim fallava Horacio ha dezenove seculos, ao rico e generoso negociante que apesar de seos milhões de sestercios, da amizade do mestre, e da dos homens illustrados, achava talvez no seo foro interior, algum germen secreto de rancor contra a acerbidade deste destino desacreditado.

A questão proposta pelo poeta latino não é de difficil resolução e todos nós imitamos mais ou menos—os madeiros fluctuantes—da fabula.

Entramos na vida cheio de fogo, de esperança, mas, apenas damos um passo para o nosso fim, a experiencia e a lucta dissipão as nossas illusões risonhas, esclarecem os desgostos espalhados pela estrada, e nos mostram o prolongamento, a incerteza e muitas vezes a inanidade do resultado.

E' este o destino commum e ninguém se pôde livrar delle. Se Rothschild, cem vezes mais rico do que cada um de nós, fosse cem mil vezes mais feliz importaria isso uma iniquidade scandalosa da Providencia, em um crime de lesa-humanidade. Mas não acontece assim, descança a inveja. Se essa felicidade que dá o ouro, fosse comprada pela gloria, qual não seria a somma de incalculaveis prazeres accumulados sobre algumas cabeças? Nossa debil natureza não a poderia supportar. Assim todo esse grande arruido que acompanha certos nomes, só dá uma alegria negativa, passageira, que não salva seos eleitos dos males da languidez, da tristeza, da profunda obscuridade.

Quanto ás delicias do poder, é caso julgado desde muito tempo. A abdicção de Sylla, a reclusão de Carlos 5.º, a sombria alegria de Luiz XI, a febre lenta de Richelieu, o spleen chronico de Luiz 14.º, o aborrecimento feroz de Luiz 15.º, o reinado todo inteiro de Luiz 16.º, a morte de Danton, e a agonia de Santa Helena, fallão mui alto a nosso ver. Hoje o poder é uma luta violenta, um combate de todas as horas, que tem sem duvida muitas emoções do jogo, mas não as de prazer. Depois do ouro, da gloria, do poder, estes tres grandes polos magneticos, fracos entretanto para nos satisfazer, o que resta de verdadeiramente digno de ser invejado?..

Seria um estudo philosophico, amargo talvez, mas não despidido de certa consolação—sui generis—e proprio para o egoismo humano, mostrar o verme roedor em todas as prosperidades, de todas as apparencias sociaes—e eu não exceptuo nenhuma.

E o que o foi a grandeza e o signal caracteristico da vocação litteraria—a abstracção litteraria—a abstracção ao menos relativa desta inquieta aspiração que nos arrasta a cobiçar a sorte dos outros. Um grande poeta, um historiador perspicaz e habil podem cheios de alegria subjectiva, e de corôas olympicas, aspirar as palmas civicas, lançar-se no mundo das realidades, e pretender (elles tambem) a honra de dirigirem os destinos do paiz. A nobreza dos fins, o sentimento da força justificação a aberração. Mas tem-se visto em algum tempo um escriptor digno desse nome querer trocar o extasis de sua humilde condição senão precaria, pelas alegrias, e o interesse da vida pratica e real? ambicionar, por exemplo ser negociante, ou haver outro emprego com uma renda vinte vezes maior do que os pobres productos da penna? Não o demonio de Socrates não é uma ficção. Todos os escriptores de grande ou mediocre genio trazem-o sobre os hombros, que os esporia, os atormenta, e não larga senão sobre o tumulto. Assim deve ser porque profissão alguma (se este merece tal nome) é tão cheia de dissabores, de privações e de obstaculos, como a aventureira e ardua profissão do homem de letras. Eu não trarei para prova os pallidos fantasmas de Chatterton, de Gilbert, de Malfilatre e de Colten, as miserias de Goldsmith, de Fielding e do padre Prevost, autopsiado vivo sobre uma mesa do hospital. O tempo presente deplora também a morte de Moreau, e Beranger consagrou mal, talvez, em um de seus immortaes cantos o suicidio de Escousse e Lelras.

Ultimamente ainda um velho escriptor a quem se deve a edição em 250 volumes, com noticias e commentarios de todo o repertorio do theatro francez e dos theatros de segunda ordem, enfim M. Lepeintre Desroches, morria no hospital—ultimo asylo do poeta.

B. D.

(Continúa).

POESIAS.

Rosa mystica.

(TRADECCÃO DE TOURQUETY.)

Oh rosa desabrochada
Junto ao templo dos Hebreos,
Virgem pura, immaculada,
Flor dos céos, entre os Judeos !...
Oh tu que enches de odor.

Do que a myrra, a alma, melhor
Do que o incenso dos céos ;
Cuja graça é um condão •
De levar rindo o perdão
Aos labios de nosso Deos.

Mãi de Deos nosso Senhor
Deixa sobre nós cahir
Esse puro resplendor
Que humildes nos vês pedir
Essa luz mysteriosa
Que faz a vida ditosa,
Do tempo o peso menor ;
Fecunda luz em prazer,
Onde a alma vai beber
Delicias de um puro amor.

Existe tanto amargor
Tanta magoa a consolar,
Tantos que supportam dôr
Sem ousal-a confessar !
Sua vida amarga é tal
Que a fria lousa fatal
Lhes parece uma ventura,
E que da sorte desfeitos,
Elles não querem por leitões
Mais que a negra sepultura.

Ouvi seu orar profundo
Lhes sorri, sê compassiva,
Não abandones no mundo
A quem a sorte se esquiva ;
Protegei esse, Senhora
Tão infeliz, que te adora.
Dai-lhe o somno bemfeitor,
Levanta, virgem levanta
Murcha flôr, fanada planta
Que do sol não sente ardôr.

Uma mulher innocente
Se viver tão infeliz
Que traga um nome na mente
E que chore quando o diz,
Coragem n'alma derrama
Mesmo vaga como a chamma :
Que nos céos ha mais amor
Que ella tem longe um irmão
Dize a ella, e que serão
Unidos junto ao Senhor.

Ao exilado que implora
Dá-lhe um céu em calmaria,
Qual reflexo d'aurora
Quando á seu berço sorria ;
Concede a orfã coitada
Essa tua paz sagrada
Dom que almeja o peito seu ;
Abranda a dôr qu'ella sente,
E n'um sonho brandamente
Fal-a vêr quem já perdeu.

E depois no amargo trilho
Em que Deos revezes solta,
Estando a mãe que do filho
Anciosa espera a volta ;
Protegei, traz apressado
O filho seu tão amado,
Que caminha com langor,
Virgem Santa, mãe de graça
Não deixes que o cardo nasça
No trilho do viajor.

E nós que um pesar consome
Attende, te supplicamos,
Por esse Deos cujo nome
Todos nós tanto adoramos,
Tu que nos braços co'amor
Embalaste o Creador,
Sobre nós deixa cahir
Uma só phrase de paz
Rosa dos céos, um sorrir
Nos manda, a mente, fugaz...

Por—L. V. FERREIRA.

Não quero te amar!...

Mulher não quero amarte ! no meu peito
Não ha mais uma corda inteira, e pura
Estalou-as da vida o positivo,
Embaçou-lhes o som a desventura

Amei ! Se amor se chama o fogo activo
Que queima, cresta, o peito que o contem.
Se é soffrer o céu e inferno em vida :
Então amei mulher como ninguém

E se para descrever-se dessa chamma,
Se para se descrever emfim do amor,
Bastante é a certeza d'um perjurio,
D'um peito virginal ver-se traidor !

Então razão me sobra para o mundo
Eu ver manchado, pura podridão:....
Pois essa qu' meu peito idealisára,
Tão casta como a flôr inda em botão....

Eu vi-a, e horrorisei-me de sua alma
Manchado dos negrumes desta vida,
Infames, seus pensares, e seus gostos
Como o leito devasso da vendida....

E portanto, mulher, o que não és
Não posso me enganando imaginar-te....
Vós todas já conheço, e avalio
E não posso, não sei, nem quero amarte

Que importa que teus olhos de safras
Me indiquem singelleza, e castidade ;
Tão bellos sentimentos já não vivem
Neste mundo tão servo da impiedade....

Formosos, e bem puros os olhares
A mim se figurou d'essa que amei....
Por negros de ostentarem, tenebrosos
Seu brilho, e côr não foi que me enganei !..

Que vale a côr ! ao menos elles foram
Em parte mais do qu'esses verdadeiros,
Pois devêra eu então reflexos d'alma
Ver dessa que de mim zombou primeiro....

São bellos os teus lábios, no seu brilho
Imitão rubra côr de fresca rosa,
Mas ah ! quão differentes elles são.
No bello, dessa flôr pura, e formosa.

É ella delicado no perfume,
É chã no brilho seu, quanto pudor
Revella aquella côr ! quanta doçura
Não tem essa singella e meiga flôr !...

E teus lábios contrastão na pureza,
Na doçura, na chã simplicidade,
Com ella, e só tens pobre apparencia
Da pura criação da divindade....

Só tens o seu brilhar, só tens emfim
O mesmo que tinha essa que adorei,....
Impureza nas frases as mais bellas
Morando o vicio nellas como rei !

Teu collo que tão bello açoitava, excita
Teu collo que da neve o branco iguala,
É mesmo qual o della dominado
Por torpesas que não traduzem fallas

Muito embora fôsse esse não de jaspe,
Mas moreno qual outro d'Andalusa,
Sómente divergião na epiderme
Que o sangue impuro n'ambos elles crusa

São louros tens cabellos, erão os della
Escuros como o crime, como o inferno
Comtudo muito iguaes, mui semelhantes
Impudicas.... criou-vos o Eterno....

Na côr de tens cabellos vejo o brilho
Do metal que te compra alma, e beijos....
O metal que domina o mundo, e tudo
E fez-te o peito arfar em vis desejos....

Emfim não quero amar-te, já nem posso
A' mulher neste mundo eu me render,
O que digo de ti, com as outras fallo;
Agora podes tu me aborrecer....

Embora! que não temo teus furores,
~~Embora como já não creio em teus affectos....~~
Não me jures amor ou tyrannia
Que do mundo não creio nos protestos....

Amor filho dos céos, e da innocencia
Exististes acaso neste mundo
Outr'ora? pois agora bem contemplo
O altar que te dão impuro, immundo.

Amor! eu te comprehendo tal qual és,
As tuas emoções eu sinto em mi!....
Comprehendo teus effeitos.... porém não
Agora digo apenas — comprehendi. —

Por — J. M. SEBRA.

Descrença.

Descreio, mais não do Deos soberano
Do ente supremo auctor da natura
Descreio é do homem, quando elle é perdido
Espirito fraco, e vil creatura

D'aquelle que da-nos a título de amigo
Com o riso nos labios; porém traçozeiro
Que a mão nos aperta civil n'apparencia
Affectando modos de ser cavalleiro!

Porém que nos crava no peito o punhal
Que a negra calúmnia no inferno aguçou;
Que vê impassivel cahir-mos no abysmo
Onde por maldade só nos atirou.

Que cospe a injuria nos cabellos brancos
Do velho de quem a honra manchou;
Que frio sorri-se das lagrimas quentes
Do ancião venerando a quem deshonrou

Que torna devassa a pura donzella
Aquem seduzio p'ra o leito perdido
E queima sua alma no fogo da orgia
E bebe em seus labios um beijo vendido

Sim desses descreio porque estou certo
De quanta maldade sua alma é capaz;
Seu unico Deos sómente é o ouro
Que da-lhe prazeres mil graças lhe traz.

I.

Vê ali na rua sentada no chão
Aquella mulher que pallida chora?
Não sabes porque, eu vou-te contar
Ella não tem casa na rua é que mora

Eu vi-a soberba talvez ha trez annos
Tinha ella um palacio aonde habitava;
Pisava em velludo trajada de seda
E a vida de orgia devassa passava.

E tinha a seus pés mil adoradores
A quem despresava como soberana;
Do orgia os prazeres não a fatigava
Com elles passava uma vida insana...

A noite, nos bailes de mascara, era ella
Quem mais attenção de todas chamava;
Quizera que visseis com o seio alvo e nú
Voluptuoso, quando ella valsava!

(Continúa.)